

MAQUETE VIVA. A capital federal chega aos 50 anos

Plano Piloto é cercado pela miséria e violência. Pág. H4

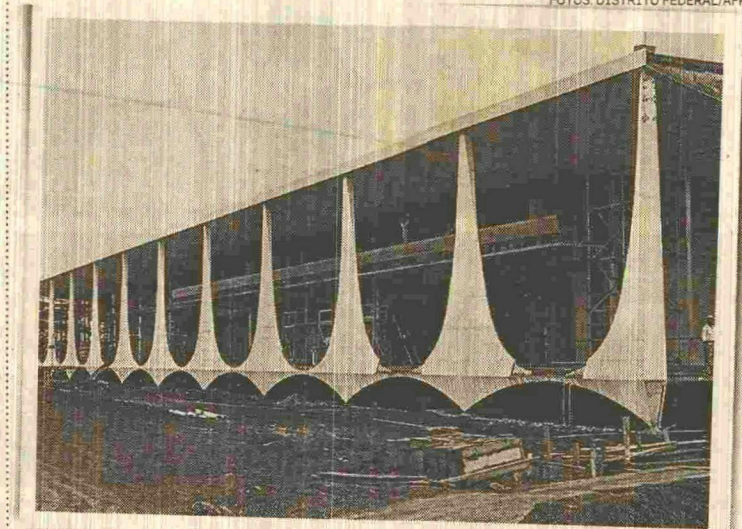
FOTOS: DISTRITO FEDERAL/AF



Anos 50. Foto aérea do início das obras em Brasília



Anos 50. Niemeyer observa maquete da futura cidade



Fim dos anos 50. Construção do Palácio da Alvorada

Dos endereços em hieróglifos às 'ruas'

'Candangos' se dão o presente de terem superado as arrumações dos croquis e hoje seus trejeitos, virtudes e manias mandam na cidade

PABLO VALADARES/AE



Comércio para valer. Os candangos, como os próprios brasilienses se definem, transformaram a 102 sul na "Rua das Farmácias", num movimento que muda a cidade

Rui Nogueira
Rafael Moraes Moura
BRASÍLIA

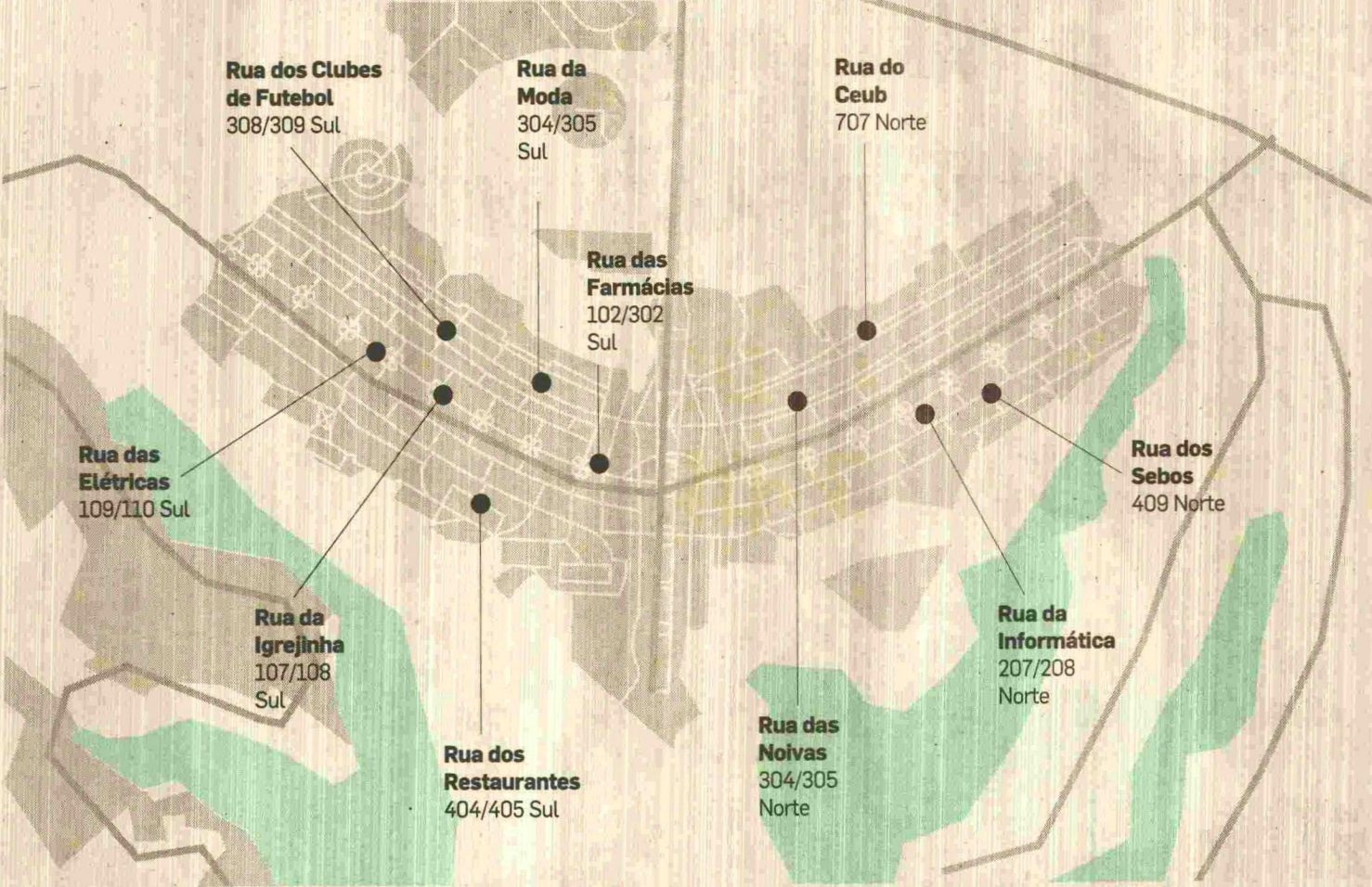
A INVENÇÃO DAS RUAS

O poder mergulhou na lamúria pela coincidência do escândalo do mensalão do DEM com o aniversário dos 50 anos de Brasília, mas a capital está dolorosamente feliz. Na quarta-feira deste quinquentenário, seus 2,6 milhões de habitantes são ou estão cada vez mais brasilienses porque seus jeitos e trejeitos, virtudes e manias já mandam na cidade. E se orgulham de ter dado ao País o primeiro governador preso, por dois meses, no exercício do mandato, um presente e tanto em matéria de contribuição ao combate à impunidade em pleno coração da República.

Tanto quanto os moradores do Rio, Espírito Santo ou Rio Grande do Sul são carinhosamente cariocas, capixabas e gaúchos, os moradores de Brasília também já são assumida e prazerosamente candangos – apagou-se a pecha que tentava diferenciar, pela origem pobre, o trabalhador braçal do burocrata de paletó e gravata que ajudou a construir a cidade.

Aos 50, os candangos, com ou sem gravata, se dão também o presente de terem superado as arrumações ditadas pelos croquis dos arquitetos e, numa heresia suprema, até já trocam os hieróglifos de alguns endereços pelo singelo e universal “rua”. Sem deixar de ser uma cidade mais arrumada do que planejada – o que, comprovadamente, tem lá suas comodidades –, o brasiliense se vê, no dia a dia, a caminho de inimagináveis endereços, como “Rua das Farmácias”, “Rua das Elétricas”, “Rua da Igrejinha”, “Rua da Moda”, “Rua do Ceub” ou da “Informática”. E mais as ruas das noivas, dos restaurantes e dos clubes de futebol.

O indício que mais aproxima



os candangos da maioria urbana está no fato de os administradores não conseguirem mais impor suas vontades políticas à cidade. A cidade se rebelou contra a ideia de que os desejos de Oscar Niemeyer são, naturalmente, os desejos da capital. Brasília reconhece o valor da obra do arquiteto, mas, no ano passado, quando ele propôs uma nova praça, dotada de um obelisco triangular de cem metros de altura, os candangos se perguntaram com a ajuda do Ministério Público se era isso mesmo de que precisavam.

Amantes do horizonte a per-

der de vista, um patrimônio legado pelo traço de Lucio Costa, os brasilienses avaliaram que o obelisco serviria apenas para poluir a paisagem da Esplanada dos Ministérios. Enfim, os de Brasília, como diz a doutora da UnB em linguística Stella Maris Bortoni-Ricardo, mostraram que “são, acima de tudo, brasileiros, que não perderam a característica de inventar nomes, rebatizar lugares e criar uma outra cidade”.

Entrequadras. Foi no ato de “recriar”, enunciado por Stella Maris, que o comércio de conveniência das entrequadras de Bra-

sília, nascido no tempo em que não havia nem megashoppings nem hipermercados, se reinventou. Em nome da sobrevivência, e sem abandonar a marca da setorização, os comerciantes começaram a se agrupar por temas, facilitando a referência para os clientes: uma penca de lojas de material eletrônico migrou para a entrequadra 207/208 Norte e “fundou” a “Rua da Informática”. A 304/305 Sul especializou-se em produtos casamenteiros e virou “Rua das Noivas”. E por aí vai. A pequena e bela Igreja de Nossa Senhora de Fátima é tão marcante na 107/108 Sul que fez

a entrequadra ganhar a carinhosa denominação de “Rua da Igrejinha”.

A vida com meio século às costas dita os nomes, aproxima os endereços dos hábitos e rejeita artificialismos e espertezas políticas como o batismo da nova ponte de Brasília, pelo então governador Joaquim Roriz, de “Ponte JK”. Numa cidade que homenageia de sobra o presidente Juscelino Kubitschek, a placa está lá, mas, da mesma forma que os cariocas só chamam o estádio Mário Filho de Maracanã, os brasilienses se referem à Ponte JK como “Terceira Ponte”. E já que

não pode ser o que deveria ter sido, “Ponte do Mosteiro”, a malícia juvenil, olhando para a forma dos arcos, rebatizou-a novamente de “Ponte McDonald’s”. O riso combate o risível.

Usucapião. Outra evidência da tomada de posse da cidade por usucapião social está na maneira como os gramados são usados hoje. Os tapetes sagrados, onde ninguém botava o pé e serviam apenas para enfeitar o asfalto e o concreto dos prédios, viraram praças públicas. A mais democrática delas é a enorme Esplanada dos Ministérios, uma área equivalente a uns quatro campos de futebol que, de terça a quinta, ao ritmo do Congresso, acolhe centenas de manifestantes, de sem-terra a índios, de fazendeiros a sindicalistas de todas as centrais. Nos finais de semana, entre outros esportes, é possível assistir a uma pelada de rugby que tem os esbarrões amortecidos pela bem tratada e cortada grama do poder.

Aos 50, Brasília já é o que seus moradores querem que ela seja, em vez de ser apenas aquilo que os arquitetos, os administradores e os políticos julgaram ser o melhor para a cidade. E ficou politicamente madura depois de uma longa ditadura (1964-1985) e uma sucessão de Repúblicas – da República do Maranhão, com Sarney, à República do ABC, com Luiz Inácio Lula da Silva. Tão madura que um dos seus diletos filhos, o poeta Nicolas Behr, 51 anos, cuiabano de nascimento, não tem dúvida sobre a melhor saída para os problemas políticos da Brasília quinquenária, mensaleira, nem melhor nem pior do que todas as outras capitais. “A democracia é o único regime político que pode ser melhorado. Tudo o que aumenta a consciência política é bom para a democracia”. Sentença de poeta!